

<https://amazoniareal.com.br/regiao-trans-purus-a-ultima-floresta-intacta-1-por-que-e-importante/>



Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 1 – Por que é importante?



Por: [Amazônia Real](#) | 24/08/2020 às 13:06

Philip M. Fearnside, Lucas Ferrante, Aurora M. Yanai e Marcos Antonio Isaac Júnior

A Amazônia brasileira se encontra dividida entre seu lado leste, onde a floresta é bastante desmatada e fragmentada, e o lado oeste (ao oeste do Rio Purus, no Estado do Amazonas), onde a floresta está em grande parte intacta devido à falta de acessibilidade por estradas [1, 2]. Esta situação na parte ocidental da Amazônia está prestes a mudar radicalmente com uma série de ameaças explicadas nesta série. Os impactos de trazer para uma nova fronteira na região “Trans-Purus” os atores e processos do “arco de desmatamento” (a faixa nas bordas sul e leste da floresta amazônica onde o desmatamento tem sido historicamente concentrado) seriam enormes.

A região Trans-Purus é chave para a manutenção de biodiversidade, como mostrado pelo estudo publicado na revista *Nature Climate Change* por Gomes e colaboradores [3]. Essa tão necessária análise do efeito combinado do desmatamento projetado e da mudança climática na biodiversidade amazônica leva a conclusões sombrias, com cenários de desmatamento e mudança climática juntos, resultando em 49,6% das 6.394 espécies arbóreas com dados confiáveis sendo ameaçadas até 2050, segundo os Critérios A4, B1 e D2 da União Internacional pela Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN). No entanto, devido às ameaças à região Trans-Purus, a perspectiva na Amazônia é ainda mais terrível do que os resultados do estudo de Gomes e colaboradores [3].

A descoberta de que (apenas) metade das espécies de árvores fica ameaçada depende fortemente do grande bloco a oeste do rio Purus permanecer intacto. Esse bloco de floresta permanece intacto no cenário de desmatamento utilizado em Gomes e colaboradores [3] por ser baseado na projeção do modelo de Soares-Filho e colaboradores [4] (Figura 1), que não considera as estradas planejadas para a região Trans-Purus, onde abririam esse vasto bloco de floresta para a entrada de desmatadores, favorecendo a ocupação ilegal no entorno das estradas e expansão da fronteira agropecuária do sul do Amazonas.

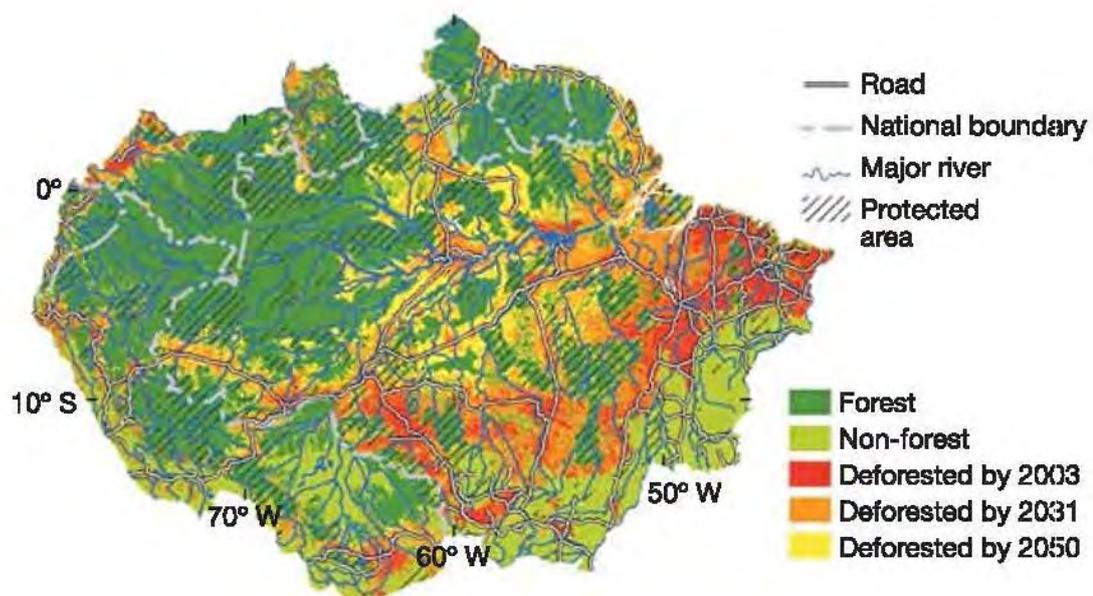


Figura 1. A simulação de desmatamento na Amazônia até 2050 por Soares-Filho e colaboradores [4] usado nos cálculos de Gomes e colaboradores [3]. O grande bloco de floresta ao oeste do rio Purus continua completamente intacto pois o modelo não inclui as estradas planejadas para esta área, como a AM-366.

Além da biodiversidade, a região Trans-Purus é crítica para manter o estoque de carbono na floresta que evita o agravamento do aquecimento global. Os estoques nesta área são grandes, tanto devido à sua vasta extensão como pela alta biomassa da floresta [5]. Muito do carbono nas árvores e no solo abaixo da floresta seria emitido para a atmosfera se esta floresta for perdida, seja por desmatamento proposital [6] ou pelos incêndios florestais que são induzidos pela fragilização da floresta causada por

exploração madeireira e pela presença de fontes de ignição nas queimadas de pastagens e desmatamentos vizinhos [7]. Este cenário tornaria a Amazônia uma fonte ainda maior de impacto sobre o efeito estufa [8]. A Amazônia também é um dos lugares do mundo com os maiores impactos previstos do aquecimento global [9].

A região Trans-Purus é chave para manter o regime de chuvas, tanto na própria Amazônia ocidental como em outras partes do Brasil e em países vizinhas como Argentina [10]. A cidade de São Paulo, maior cidade do País, dependente desta região até para a água que a população bebe. Mesmo com a Trans-Purus ainda intacta, em anos secos essa cidade já foi obrigada a recorrer ao “volume morto” dos seus reservatórios, com poucos dias de margem de antes de acabar a água por completo (e.g., [11]).

A época chuvosa em São Paulo, quando os reservatórios enchem, coincide com o máximo do transporte de vapor d’água pelos “rios voadores” – os ventos que passam de leste para oeste sobre a região Trans-Purus, fazem uma curva por não conseguirem passar por cima dos Andes, e seguem em direção a São Paulo. Estes ventos chegam a fornecer 70% da chuva na região Sudeste brasileira durante a sua época chuvosa de dezembro a fevereiro [12]. A continuação deste grande serviço ambiental depende de manter a floresta em pé, pois as árvores reciclam água, devolvendo ao ar uma boa parte da água que cai como chuva e assim abastecendo os rios voadores [13].

O impacto de abrir a região Trans-Purus ao desmatamento também trará graves impactos sobre as populações tradicionais que habitam a área. Os ribeirinhos e extrativistas tradicionais podem ser expulsos com a chegada de grandes grileiros e fazendeiros, como vem acontecendo em outras fronteiras de desmatamento (e.g., [14]). Os povos indígenas seriam severamente impactados [15].

A imagem deste artigo mostra árvore derrubada em período de estiagem do rio Purus, no município de Pauini, no sul do Amazonas (Foto: Alberto César Araújo)

NOTAS

- [1] Fearnside, P.M. 2017. [Deforestation of the Brazilian Amazon](#). In: H. Shugart (ed.) *Oxford Research Encyclopedia of Environmental Science*. Oxford University Press, New York, EUA.
- [2] Fearnside, P.M. 2018. [BR-319 e a destruição da floresta amazônica](#). *Amazônia Real*, 19 outubro de 2018.
- [3] Gomes, V.H.F., I.C.G. Vieira, R.P. Salomão & H. ter Steege. 2019. [Amazonian tree species threatened by deforestation and climate change](#). *Nature Climate Change* 9: 547–553.
- [4] Soares-Filho, B.S., D.C. Nepstad, L.M. Curran, G.C. Cerqueira, R.A. Garcia, C.A. Ramos, E. Voll, A. McDonald, P. Lefebvre & P. Schlesinger. 2006. [Modelling conservation in the Amazon Basin](#). *Nature* 440(23): 520-523.

- [5] Nogueira, E.M., A.M. Yanai, F.O.R. Fonseca & P.M. Fearnside. 2015. [Carbon stock loss from deforestation through 2013 in Brazilian Amazonia](#). *Global Change Biology* 21: 1271–1292.
- [6] Fearnside, P.M. 2000. [Global warming and tropical land-use change: Greenhouse gas emissions from biomass burning, decomposition and soils in forest conversion, shifting cultivation and secondary vegetation](#). *Climatic Change* 46(1-2): 115-158.
- [7] Berenguer, E., J. Ferreira, T.A. Gardner, L.E.O.C. Aragão, P.B de Camargo, C.E. Cerri, M. Durigan, R.C. de Oliveira Jr., I.C.G. Vieira & J. Barlow. 2014. [A large-scale field assessment of carbon stocks in human-modified tropical forests](#). *Global Change Biology* 20(12): 3713–3726.
- [8] Fearnside, P.M. 2003. [A Floresta Amazônica nas Mudanças Globais](#). Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia-INPA, Manaus, AM. 134 p.
- [9] Fearnside, P.M. 2018-2019. [Amazônia e o aquecimento global](#). *Amazônia Real*. 23 de novembro de 2018-07 de março de 2019.
- [10] Zemp, D.C., C.-F. Schleussner, H.M.J. Barbosa, R.J. van der Ent, J.F. Donges, J. Heinke, G. Sampaio & A. Rammig. 2014. [On the importance of cascading moisture recycling in South America](#). *Atmospheric Chemistry and Physics* 14: 13.337–13.359.
- [11] Soriano É., L.R. Londe, L.T. Di Gregorio, M.P. Coutinho & L.B.L. Santos. 2016. [Crise hídrica em São Paulo sob o ponto de vista dos desastres](#). *Ambiente & Sociedade* 19(1): 21-42.
- [12] van der Ent, R. J., H.H.G. Savenije, B. Schaefli & S.C. Steele-Dunne. 2010. [Origin and fate of atmospheric moisture over continents](#). *Water Resources Research* 46: art. W09525,
- [13] Fearnside, P.M. 2015. [Rios voadores e a água de São Paulo](#). *Amazônia Real*, 09 de fevereiro – 09 de março de 2015.
- [14] Pontes, F. 2019. [Grilagem de terra impõe violência em região conhecida como “Faroeste Amazônico”](#). *Amazônia Real*, 17 de junho de 2019.
- [15] Ferrante, L., M.P. Gomes & P.M. Fearnside. 2020. [BR-319 ameaça povos indígenas](#). *Amazônia Real*, 02 de abril – 29 de junho de 2020.

Philip Martin Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 600 publicações científicas e mais de 500 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis aqui.

Lucas Ferrante é doutorando em Biologia (Ecologia) no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Tem pesquisado agentes do desmatamento, buscando políticas públicas para mitigar conflitos de terra gerados pelo desmatamento, invasão de áreas protegidas e comunidades tradicionais, principalmente sobre Terras indígenas e Unidades de Conservação na Amazônia (lucasferrante@hotmail.com).

Aurora Miho Yanai é pós-doutoranda no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) trabalhando com modelagem de desmatamento na região Trans-Purus. Ela tem mestrado e doutorado pelo Inpa em ciências de florestas tropicais e tem experiência na análise e modelagem de desmatamento no sul do Amazonas.

Marcos Antonio Isaac Júnior é pós-doutorando no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) trabalhando com modelagem de desmatamento na região Trans-Purus. Ele tem mestrado e doutorado em engenharia florestal pela Universidade Federal de Lavras e tem experiência em modelagem e redes neurais.

<https://amazoniareal.com.br/regiao-trans-purus-a-ultima-floresta-intacta-2-a-ameaca-do-ramal-de-tapaua/>



Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 2 – A ameaça do Ramal de Tapauá



Por: [Amazônia Real](#) | 31/08/2020 às 15:04

Philip M. Fearnside, Lucas Ferrante, Aurora M. Yanai e Marcos Antonio Isaac Júnior

Um ramal ilegal está sendo construído para conectar Tapauá, no rio Purus, com a rodovia BR-319. Isto ameaça não só as duas Terras Indígenas e um Parque Nacional que estão localizados entre Tapauá e a BR-319, mas também forneceria uma porta de entrada à região Trans-Purus. O ramal ilegal, já visível em imagens de satélite em 2007, vem sendo construído a partir de Tapauá em direção à BR-319, seguindo quase exatamente a rota da planejada AM-366 (Figuras 2-4). O ramal ameaça as Terras Indígenas Apurinã do Igarapé São João e Apurinã do Igarapé Tauamirim, além do Parque Nacional Nascentes do Lago Jari.

Segundo o cacique Waldemiro Farias da Silva Apurinã, o ramal está sendo construído por fazendeiros locais com o encorajamento da prefeitura de Tapauá, com uso de máquinas da prefeitura. Ouvimos vários relatos em Tapauá sobre um acordo com fazendeiros na margem da BR-319 para que esses construíssem um ramal na direção oposta para encontrar com o ramal que está sendo construído a partir de Tapauá. A ameaça é imediata.



Figura 2. Imagem de satélite de 2018 mostrando um ramal ilegal saindo de Tapauá em direção à rodovia BR-319. O ramal é a linha fina descendo diagonalmente de Tapauá, no canto esquerdo superior, em direção ao centro da imagem.

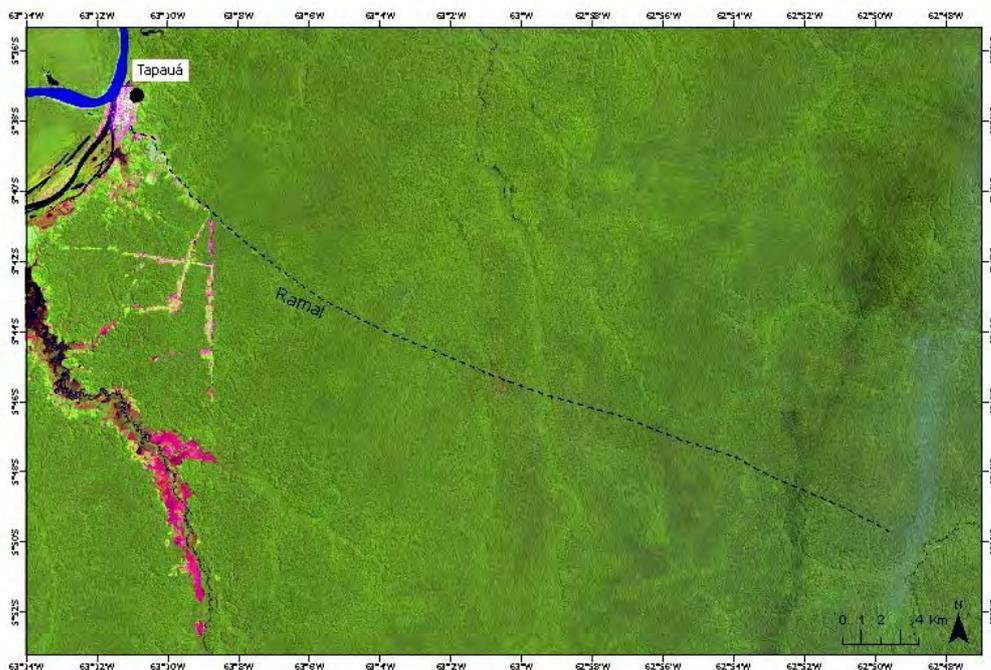


Figura 3. Traçado do ramal ilegal a partir de imagens LANDSAT de 2007, 2018 e 2019.

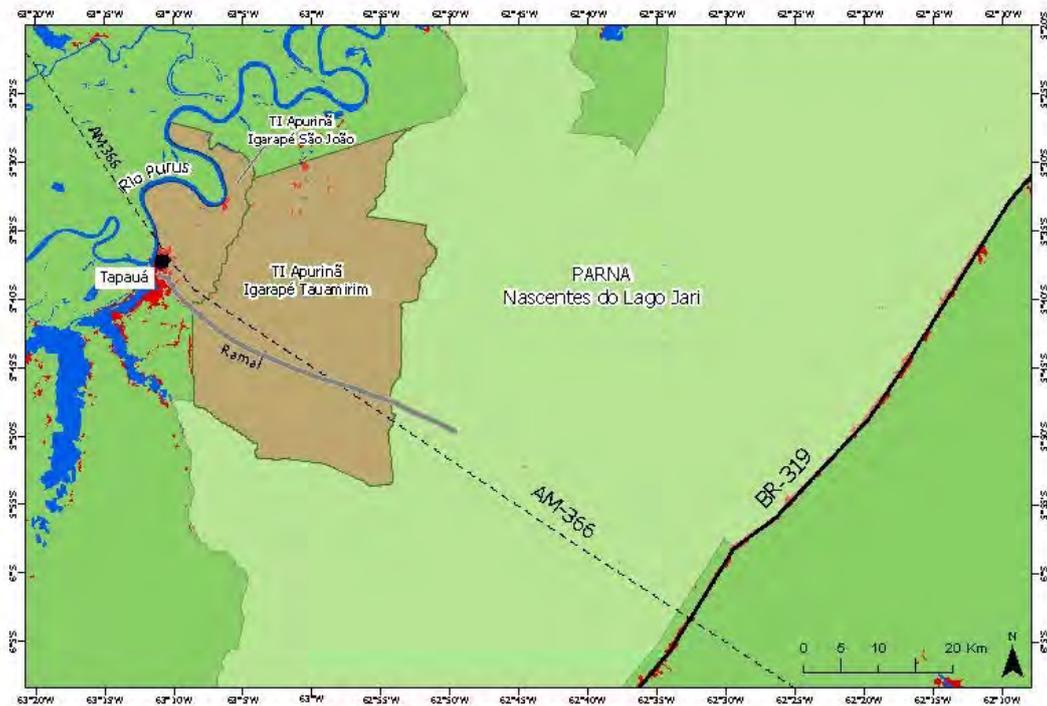


Figura 4. Localização do ramal com relação à rota planejada da AM-366 (conforme [1]), o Parque Nacional Nascentes do Lago Jari e as Terras Indígenas Apurinã do Igarapé São João e Apurinã do Igarapé Tauamirim, com desmatamento (em vermelho) até 2019 segundo o projeto PRODES do INPE [2].

O cacique Waldemiro Apurinã confirmou em 20/08/20 que o ramal está avançando rapidamente e que invasores estão desmatando dentro da Terra Indígena Apurinã do Igarapé São João, como é mostrado pelas suas fotos (Figuras 5-7). O cacique relatou que os invasores não são indígenas e que os indígenas têm muito medo de ir a estas áreas, pois a derrubada de árvores é massiva mesmo dentro da Terra Indígena, colocando todas as aldeias em risco. Segundo o cacique, indígenas estão sendo ameaçados.



Figura 5. Ramal ilegal beirando Terra Indígena Apurinã do Igarapé São João. Foto: Cacique Waldemiro Apurinã.



Figura 6. Desmatamento mostrando a placa da Terra Indígena Apurinã do Igarapé São João. Foto: Cacique Waldemiro Apurinã.



Figura 7. Desmatamento por invasores não indígenas na Terra Indígena Apurinã do Igarapé São João. Foto: Cacique Waldemiro Apurinã.

Carta denúncia ao Ministério Público Federal

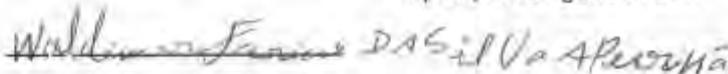
Eu Waldomiro Farias da Silva Apurinã, Cacique do povo Apurinã do Município de Tapauá, no interflúvio dos Rios Purus e Madeira venho denunciar o genocídio anunciado do povo Apurinã devido a obra realizada pelo governo federal de repavimentação da rodovia BR-319. Nós do Povo Apurinã não fomos consultados como estabelece a Convenção 169 da OIT e o decreto 5.051/2004 que estabelece que povos indígenas que sejam impactados por empreendimentos sejam consultados de maneira previa, livre e informada podendo inclusive vetar ou participar da elaboração do projeto. O DNIT tem descumprido a convenção 169 da OIT a qual o Brasil é signatário e o decreto presidencial 5.051/2004 ao não realizar a consulta dos povos indígenas para esta obra.

Apenas a manutenção da rodovia já tem causado grande um desmatamento, grilagem de terras e ramais ilegais que tem invadido as terras indígenas de Tapauá e outras terras indígenas da BR-319. O DNIT tem tirado condicionantes que poderiam resguardar a proteção da floresta, como os portais para a fiscalização que antes constavam como uma condicionante obrigatória e ao quais perderam a obrigatoriedade. A Juíza federal Jaiza Maria Pinto Fraxe, autorizou a pavimentação do trecho do meio, lote "C" dizendo que o DNIT vinha cumprindo com suas obrigações, o que não é verdade, pois o DNIT tem se recusado a realizar a consulta previa, livre e informada dos povos indígenas, além do trecho do meio lote "C" não ter os estudos ambientais. A falta de estudos ambientais para este trecho é uma preocupação grande pois o impacto da obra sem os estudos ambientais pode afetar o abastecimento de água e caça de comunidades indígenas nas adjacências podendo culminar na extinção destes povos. Tanto a consulta dos povos indígenas quando a necessidade de estudos ambientais já fora apontada por especialistas e cobrada no Fórum de Sustentabilidade da BR-319 organizado pelo Ministério Público Federal. Esta necessidade também foi apontada tecnicamente por cientistas em um estudo recentemente publicado na renomada revista científica *Science*.

A BR-319 está dando acesso das terras Apurinãs para invasores, que tem ameaçado e intimidado indígenas como também espalhado o corona vírus nas comunidades. Desta forma, o povo Apurinã entende que a tentativa de acelerar as obras da rodovia BR-319 durante a pandemia pelo DNIT e Casa Civil sem consultar o povo Apurinã e outros povos indígenas que estão sendo afetados pela BR-319 uma grande violação dos direitos humanos e um genocídio dos povos indígenas do Interflúvio dos Rios Purus e Madeira por descumprir a convenção 169 da OIT e decreto 5.051/2004, expondo vários territórios indígenas a invasores, madeireiros e grileiros e acelerando o contágio das populações indígenas pelo corona vírus.

Nós do povo Apurinã Pedimos urgentemente a atenção do Ministério Público Federal, principalmente dos procuradores Rafael Rocha e Fernando Merloto Soave, assim como de Juízes federais que tem a obrigação de fazer cumprir a legislação Brasileira como o decreto 5.051/2004. Desta forma, pedimos não apenas que sejam anuladas qualquer licitação para a pavimentação da rodovia BR-319 como também a suspensão da manutenção da rodovia, até que todos os povos indígenas que possam ser impactados sejam consultados como estabelece a Convenção 169 da OIT e decreto presidencial 5.051/2004. Os povos indígenas estão sobre ataque, nossos territórios estão sendo invadidos e o governo federal tem propiciado obras que ameaçam nossas terras e nosso povo, este genocídio já está em andamento e a existência dos povos indígenas da Amazônia dependem de a lei ser cumprida.

Tapauá, 25 de Agosto de 2020


Waldomiro Farias da Silva Apurinã

Cacique Apurinã

Em 25 de agosto, o Cacique protocolou uma denúncia junto ao Ministério Público Federal e pediu para que seja divulgada (Figura 8) . A carta também pode ser [lida aqui](#).

REFERÊNCIAS

[1] DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes). 2002. Mapa Rodoviário Amazonas. DNIT, Ministério dos Transportes, Brasília, DF.

[2] INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). 2020. [PRODES – Monitoramento da Floresta Amazônica Brasileira Por Satélite](#). INPE, São José dos Campos, SP.

A imagem deste artigo mostra o rio Purus próximo a Tapauá durante a seca de 2005 (Foto Daniel Beltrá/Greenpeace)

Leia o primeiro artigo da série:

[Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 1 – Por que é importante?](#)

Philip Martin Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 600 publicações científicas e mais de 500 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis [aqui](#).

Lucas Ferrante é doutorando em Biologia (Ecologia) no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Tem pesquisado agentes do desmatamento, buscando políticas públicas para mitigar conflitos de terra gerados pelo desmatamento, invasão de áreas protegidas e comunidades tradicionais, principalmente sobre Terras indígenas e Unidades de Conservação na Amazônia.

Aurora Miho Yanai é pós-doutoranda no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) trabalhando com modelagem de desmatamento na região Trans-Purus. Ela tem mestrado e doutorado pelo Inpa em ciências de florestas tropicais e tem experiência na análise e modelagem de desmatamento no sul do Amazonas.

Marcos Antonio Isaac Júnior é pós-doutorando no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) trabalhando com modelagem de desmatamento na região Trans-Purus. Ele tem mestrado e doutorado em engenharia florestal pela Universidade Federal de Lavras e tem experiência em modelagem e redes neurais.

<https://amazoniareal.com.br/regiao-trans-purus-a-ultima-floresta-intacta-3-a-ameaca-da-rodovia-am-366/>



Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 3 – A ameaça da rodovia AM-366



Por: [Amazônia Real](#) | 07/09/2020 às 17:35

Philip M. Fearnside, Lucas Ferrante, Aurora M. Yanai e Marcos Antonio Isaac Júnior

A proposta da rodovia AM-366 e estradas associadas dariam acesso ao enorme bloco de floresta na região Trans-Purus a partir da rodovia BR-319 (Manaus-Porto Velho). A AM-366 cruzaria o rio Purus em Tapauá e ligaria a BR-319 (Manaus-Porto Velho) a Tefé, Coari e Juruá [1] (Figura 8).

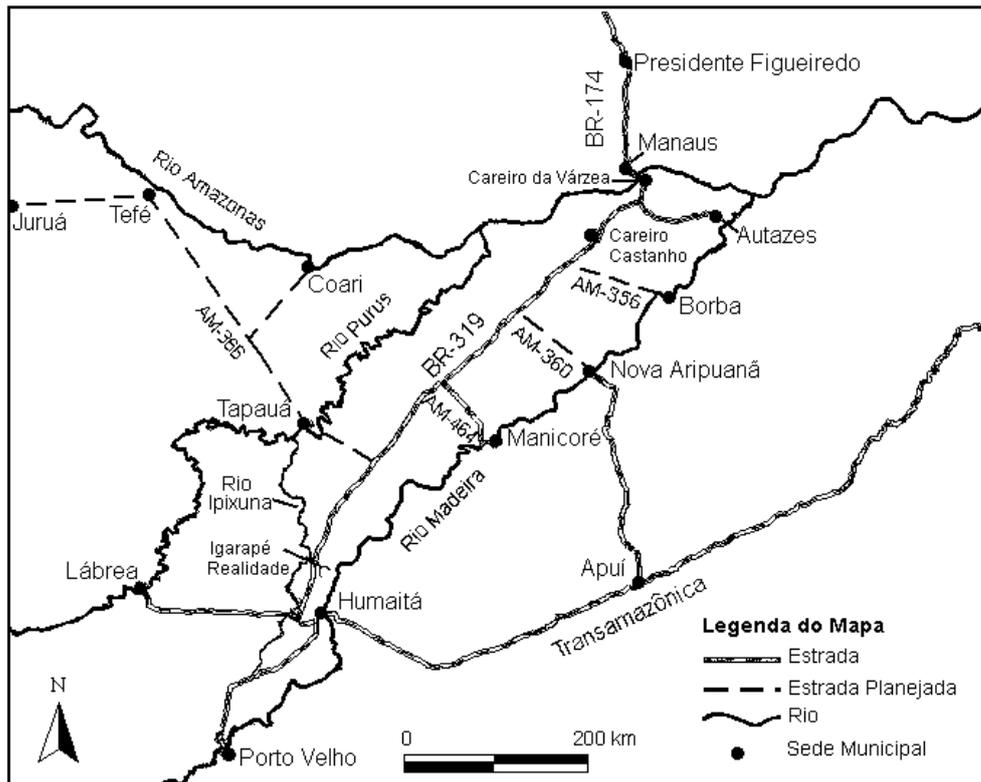


Figura 8. Estradas laterais planejadas a partir da rodovia BR-319, incluindo a AM-366, que abriria a região Trans-Purus à entrada de desmatadores. Fonte: Fearnside & Graça [1].

A AM-366 passaria pelo Parque Nacional Nascentes do Lago Jari e pelas Terras Indígenas Apurinã Igarapé Tauamirim e Apurinã Igarapé São João para chegar a Tapauá a partir da BR-319, uma estrada federal que foi abandonada em 1988, mas que está sendo “mantida” desde 2015 enquanto aguarda a aprovação de um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) federal antes de ser “reconstruída” [2, 3]. O decreto que cria o parque nacional contém uma cláusula que exclui uma faixa de terra que divide o parque especificamente para permitir a passagem da AM-366 [4].

Uma vez aberta, a estrada construída dará acesso a floresta intacta e grande parte dos eventos que se seguem estarão fora do controle do governo. O anúncio de planos para governança ao longo das estradas não altera este quadro, como mostrado pela história de outras estradas como a BR-364 (Cuiabá-Porto Velho [5] e BR-163 (Santarém-Cuiabá) [6]. Na BR-319 os eventos já estão indo em direção contrária dos planos para governança, como mostrado pelo surgimento de um ramal ilegal adentrando em uma área protegida a partir da rodovia [7].

No caso da AM-366, vários grupos de atores podem ser esperados e que aproveitarão da oportunidade, como grandes grileiros, pequenos posseiros, sem-terras organizados e madeireiros. A grande área de terras devolutas nessa área faz com que ela seja especialmente atraente para grileiros, e a sucessão de “leis de grileiros”, a terceira das quais está atualmente avançando na Câmara dos Deputados [8], aumentam este perigo. A possibilidade da chegada de empresas de biocombustíveis representa outro risco [9].

Há também grupos internacionais com interesse na área, como as empresas malasianas de plantação de dendê que tentaram comprar áreas nessa área a partir de Tefé em 2008 [10], e as empresas madeireira malasianas e chinesas que tentaram comprar áreas a partir do rio Purus em 1997 [11].

NOTAS

[1] Fearnside, P.M. & P.M.L.A. Graça. 2009. BR-319: [A rodovia Manaus-Porto Velho e o impacto potencial de conectar o arco de desmatamento à Amazônia central](#). *Novos Cadernos NAEA* 12(1): 19-50.

[2] Fearnside, P.M. 2018. [BR-319 e a destruição da floresta amazônica](#). *Amazônia Real*, 19 outubro de 2018.

[3] Ferrante, L. & P.M. Fearnside. 2020a. BR-319: [O caminho para o desmatamento da Amazônia](#). *Amazônia Real*, 07 de agosto de 2020.

[4] Brasil, PR (Presidência da República). 2008. [Decreto de 8 de maio de 2008. Dispõe sobre a criação do Parque Nacional Nascentes do Lago Jari, nos Municípios de Tapauá e Beruri, no Estado do Amazonas, e dá outras providências](#). PR, Brasília, DF.

[5] Fearnside, P. M. 1989. [A Ocupação Humana de Rondônia: Impactos, Limites e Planejamento](#). CNPq Relatórios de Pesquisa No. 5. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasília, DF, 76 p.

[6] Fearnside, P.M. 2007. [Brazil's Cuiabá-Santarém \(BR-163\) Highway: The environmental cost of paving a soybean corridor through the Amazon](#). *Environmental Management* 39(5): 601-614.

[7] Fearnside, P.M., L. Ferrante & M.B.T. de Andrade. 2020. [Ramal ilegal a partir da rodovia BR-319 invade Reserva Extrativista e ameaça Terra Indígena](#). *Amazônia Real*, 09 de março de 2020.

[8] Fearnside, P.M. 2020. [O perigo da “lei da grilagem”](#). *Amazônia Real*, 22 de maio de 2020.

[9] Ferrante, L. & P.M. Fearnside. 2020. [Os planos de biocombustíveis do Brasil impulsionam o desmatamento](#). *Amazônia Real*, 13 de janeiro de 2020.

[10] *Amazonas em Tempo*. Malaios querem terras do Amazonas. *Amazonas em Tempo* 22 de agosto de 2008, p. C-8.

[11] Edson, L. 1997. Embaixador da Malásia depõe sobre madeiras asiáticas. *Amazonas em Tempo*, 26 de junho de 1997, p. A-4.

A imagem deste artigo mostra o Parque Nacional Nascentes do Lago Jari (Foto: ICMBio)

Leia os outros artigos da série:

[Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 1 – Por que é importante?](#)

[Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 2 – A ameaça do Ramal de Tapauá](#)

Philip Martin Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 600 publicações científicas e mais de 500 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis aqui.

Lucas Ferrante é doutorando em Biologia (Ecologia) no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Tem pesquisado agentes do desmatamento, buscando políticas públicas para mitigar conflitos de terra gerados pelo desmatamento, invasão de áreas protegidas e comunidades tradicionais, principalmente sobre Terras indígenas e Unidades de Conservação na Amazônia (lucasferrante@hotmail.com).

Aurora Miho Yanai é pós-doutoranda no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) trabalhando com modelagem de desmatamento na região Trans-Purus. Ela tem mestrado e doutorado pelo Inpa em ciências de florestas tropicais e tem experiência na análise e modelagem de desmatamento no sul do Amazonas.

Marcos Antonio Isaac Júnior é pós-doutorando no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) trabalhando com modelagem de desmatamento na região Trans-Purus. Ele tem mestrado e doutorado em engenharia florestal pela Universidade Federal de Lavras e tem experiência em modelagem e redes neurais.

<https://amazoniareal.com.br/regiao-trans-purus-a-ultima-floresta-intacta-4-a-ameaca-da-rodovia-br-230/>



Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 4 – A ameaça da rodovia BR-230



Por: [Amazônia Real](#) | 14/09/2020 às 21:02

Philip M. Fearnside, Lucas Ferrante, Aurora M. Yanai e Marcos Antonio Isaac Júnior

Ainda há o velho plano para uma extensão da rodovia BR-230 de Lábrea, no Amazonas, até a fronteira com Peru, que foi anunciada durante a ditadura militar. Esta estrada ainda aparece como planejada em mapas do Departamento Nacional de Infraestrutura dos Transportes (DNIT) [1] (Figura 9).

A estrada continua aparecendo em diversas publicações (e.g., Figura 10), embora não apareça nos planos plurianuais. No entanto, este tipo de plano pode surgir de repente sem aviso, mesmo em casos onde a existência de planos seja negada por autoridades, como já aconteceu diversas vezes na história recente da região [2, 3].

Um exemplo atual é o surgimento do plano para uma grande barragem no rio Trombetas como parte do Projeto Barão do Rio Branco anunciado pelo governo Bolsonaro [4].

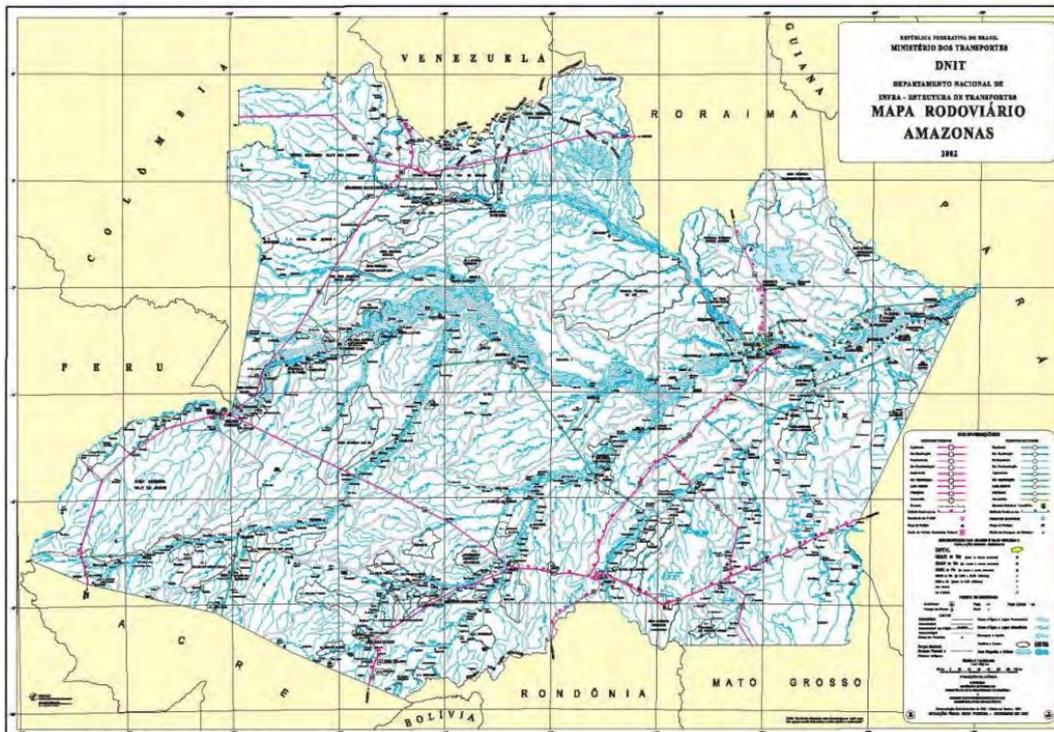


Figura 9. Mapa de DNIT mostrando a extensão da BR-230 cortando a região Trans-Purus. (Fonte: [1]).



Figura 30. Localização da BR-319 e BR-230 no estado do Amazonas.

Figura 10. Mapa mostrando uma extensão da rodovia BR-230 de Lábrea até a fronteira

do Peru. A rota divide na metade a área entre o rio Solimões e a BR-364 no Acre, assim dando acesso a toda a região Trans-Purus. Fonte: [5].

NOTAS

- [1] DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes). 2002. [Mapa Rodoviário Amazonas](#). DNIT, Ministério dos Transportes, Brasília, DF.
- [2] Fearnside, P.M. 2013. [The evolving context of Brazil's environmental policies in Amazonia](#). *Novos Cadernos NAEA* 16(2): 9-25.
- [3] Fearnside, P.M. 2016. [Environmental policy in Brazilian Amazonia: Lessons from recent history](#). *Novos Cadernos NAEA* 19(1): 27-46.
- [4] *The Intercept*. 2019. [Plano de desenvolvimento da Amazônia](#). *The Intercept*, 12 September 2019.
- [5] Brasil, A.A. & S.L.F. Gonçalves (eds.). 2019. [Diagnose e descrição do setor florestal no estado do Amazonas](#). Editora da Universidade do Amazonas (EDUA), Manaus, AM. 308 p.

A foto que abre este artigo mostra nuvem de fumaça de queimada encobre Canutama (AM) às margens da Rodovia Transamazônica ((Foto-OBT_NASA. 16 de agosto de 2019)

Leia os outros artigos da série:

[Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 1 – Por que é importante?](#)

[Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 2 – A ameaça do Ramal de Tapauá](#)

[Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 3 – A ameaça da rodovia AM-366](#)

Philip Martin Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 600 publicações científicas e mais de 500 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis aqui.

Lucas Ferrante é doutorando em Biologia (Ecologia) no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Tem pesquisado agentes do desmatamento, buscando políticas públicas para mitigar conflitos de terra gerados pelo desmatamento, invasão de áreas protegidas e comunidades tradicionais, principalmente sobre Terras indígenas e Unidades de Conservação na Amazônia (lucasferrante@hotmail.com).

Aurora Miho Yanai é pós-doutoranda no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) trabalhando com modelagem de desmatamento na região Trans-Purus. Ela tem mestrado e doutorado pelo Inpa em ciências de florestas tropicais e tem experiência na análise e modelagem de desmatamento no sul do Amazonas.

Marcos Antonio Isaac Júnior é pós-doutorando no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) trabalhando com modelagem de desmatamento na região Trans-Purus. Ele tem mestrado e doutorado em engenharia florestal pela Universidade Federal de Lavras e tem experiência em modelagem e redes neurais.

<https://amazoniareal.com.br/regiao-trans-purus-a-ultima-floresta-intacta-5-a-ameaca-do-gas-e-petroleo-21-09-2020/>



Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 5 – A ameaça do gás e petróleo



Por: [Amazônia Real](#) | 21/09/2020 às 18:28

Philip M. Fearnside, Lucas Ferrante, Aurora M. Yanai e Marcos Antonio Isaac Júnior

Outra ameaça à região Trans-Purus é o grande projeto de petróleo e gás “Bacia Sedimentar do Solimões”, que prevê uma rede de poços espalhados em uma vasta área abrangendo aproximadamente um terço do Estado do Amazonas (Figura 11) [1]. Mesmo que a construção de estradas não faça parte do plano anunciado [2-5], por

razões econômicas as empresas petrolíferas poderão pressionar o governo para aumentar o acesso terrestre nessa área. Estradas para esse fim provavelmente ramificariam da planejada rodovia AM-366, assim conectando a área dos poços à BR-319 e ao terminal de gás existente em Coari [6-8].

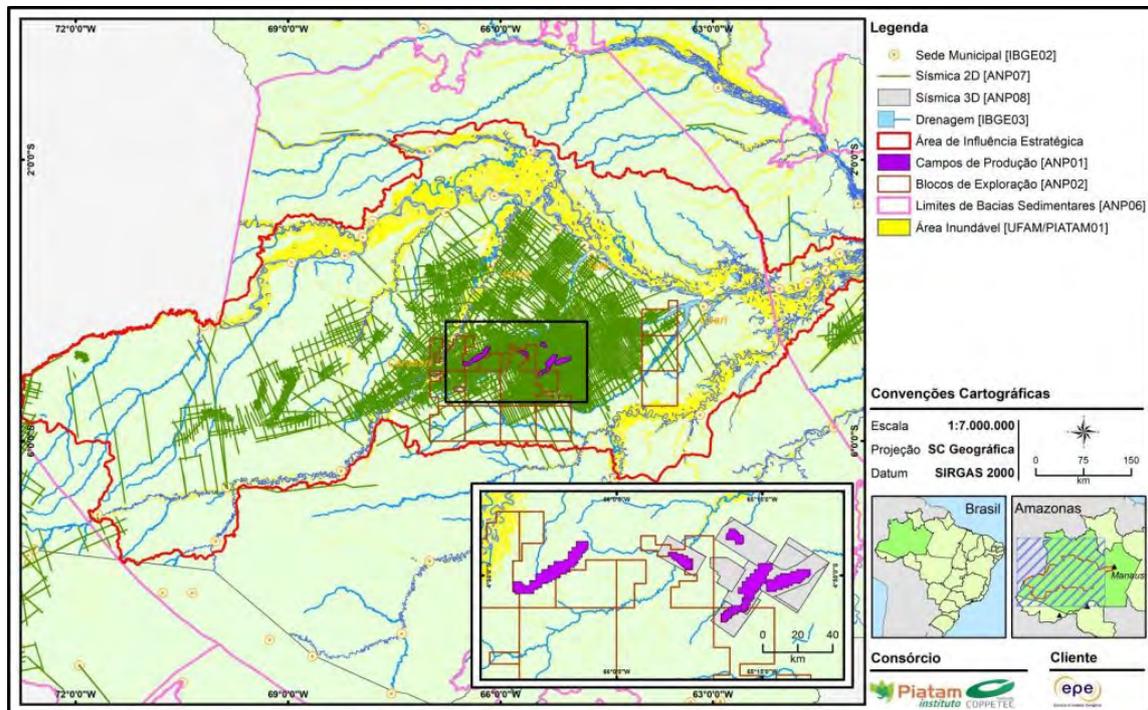


Figura 11. Mapa de blocos de exploração ([2], p. 56). As áreas em roxo têm poços atualmente em produção. As linhas finas verdes representam os locais para futuras perfurações. A “Área de Influência Estratégica” do projeto, delimitada pela linha vermelha, é de 47 milhões de hectares.

O sistema de licenciamento ambiental do Brasil está sendo rapidamente desmantelado por meio de mudanças administrativas e a aceleração de leis e emendas constitucionais que removeriam quaisquer impedimentos à BR-319 e outras rodovias, incluindo impedimentos por terras indígenas [9, 10]. Essas vias de acesso (ou infraestruturas) facilitarão a abertura do vasto bloco florestal no oeste do Amazonas. A área a ser aberta pela AM-366 e estradas associadas é extremamente vulnerável, pois grande parte é terra pública sem destinação (“terras devolutas”) que são mais atraentes para invasão por sem-terras e grileiros [11].

Este bloco de floresta é o que atualmente segura a situação ambiental no país, pois esta é a área da qual os serviços ambientais da Amazônia mais dependem. Esses serviços incluem a manutenção da biodiversidade, o armazenamento de carbono que evita o aquecimento global e a ciclagem d’água que fornece chuvas não só para a Amazônia, mas também para São Paulo e outras partes das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do País.

NOTAS

[1] Fearnside, P.M. 2020. [Os riscos do projeto de gás e petróleo “Área Sedimentar do Solimões”](#). *Amazônia Real*, 12 de março de 2020.

- [2] Consórcio PIATAM/COPPETEC & EPE. 2019. [Estudo Ambiental de Área Sedimentar na Bacia Terrestre do Solimões: EAAS Preliminar Relatório Técnico destinado à Consulta Pública](#). Consórcio PIATAM/COPPETEC, Manaus, AM & Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Rio de Janeiro, RJ. 497 p.
- [3] EPE (Empresa de Pesquisa Energética). 2020. [Estudo ambiental estratégico de petróleo e gás natural como ferramenta de mitigação de conflitos na Amazônia](#). *Mongabay*, 09 de abril de 2020.
- [4] Vieira, H. 2020. [Hermani Vieira disse](#). *Amazônia Real*, 04 de abril de 2020.
- [5] Vieira, H. 2020. [Hermani Vieira disse](#). *Amazônia Real*, 07 de abril de 2020.
- [6] Fearnside, P.M. 2020. [Petróleo e gás no Solimões: Resposta a Hermani Vieira da EPE](#). *Amazônia Real*, 04 de abril de 2020.
- [7] Fearnside, P.M. 2020. [Resposta à tréplica da EPE sobre petróleo e gás](#). *Amazônia Real*, 15 de abril de 2020.
- [8] Fearnside, P.M. 2020. [O perigo dos planos do Brasil para gás e petróleo na Amazônia: Resposta à EPE](#). *Mongabay*, 09 de abril de 2020.
- [9] Fearnside, P.M. 2019. [Desmonte da legislação ambiental brasileira](#). p. 317-381. In: J.S. Weiss (ed.) *Movimentos Socioambientais: Lutas – Avanços – Conquistas – Retrocessos – Esperanças*. Xapuri Socioambiental, Formosa, Goiás. 442 pp.
- [10] Ferrante, L. & P.M. Fearnside. 2019. [O novo presidente do Brasil e “ruralistas” ameaçam o meio ambiente, povos tradicionais da Amazônia e o clima global](#). *Amazônia Real*, 30 de julho de 2019.
- [11] Fearnside, P.M. & P.M.L.A. Graça. 2009. [BR-319: A rodovia Manaus-Porto Velho e o impacto potencial de conectar o arco de desmatamento à Amazônia central](#). *Novos Cadernos NAEA* 12(1): 19-50.

A foto que abre este artigo mostra sonda-terra do gasoduto Coari-Manaus em Urucu (AM). (Foto: Divulgação Petrobras-2005)

Leia os outros artigos da série:

[Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 1 – Por que é importante?](#)

[Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 2 – A ameaça do Ramal de Tapauá](#)

[Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 3 – A ameaça da rodovia AM-366](#)

[Região Trans-Purus, a última floresta intacta: 4 – A ameaça da rodovia BR-230](#)

Philip Martin Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 600 publicações científicas e mais de 500 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis aqui.

Lucas Ferrante é doutorando em Biologia (Ecologia) no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Tem pesquisado agentes do desmatamento, buscando políticas públicas para mitigar conflitos de terra gerados pelo desmatamento, invasão de áreas protegidas e comunidades tradicionais, principalmente sobre Terras indígenas e Unidades de Conservação na Amazônia (lucasferrante@hotmail.com).

Aurora Miho Yanai é pós-doutoranda no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) trabalhando com modelagem de desmatamento na região Trans-Purus. Ela tem mestrado e doutorado pelo Inpa em ciências de florestas tropicais e tem experiência na análise e modelagem de desmatamento no sul do Amazonas.

Marcos Antonio Isaac Júnior é pós-doutorando no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) trabalhando com modelagem de desmatamento na região Trans-Purus. Ele tem mestrado e doutorado em engenharia florestal pela Universidade Federal de Lavras e tem experiência em modelagem e redes neurais.

Resposta a comentário sobre AM-366

2 Comentários



1. [P.M., Fearnside, L. Ferrante, A.M. Yanai & M.A. Isaac Júnior](#) disse:

[23/12/2020 às 10:11](#)

Entendemos o desejo de residentes da sede do Município de Tapauá de ter melhores condições de vida por meio de melhor acesso a Manaus. Entretanto, entendemos que a AM-366 não é qualquer estrada. Se for construída irá cortar uma Terra Indígena e um parque nacional e daria acesso para desmatadores (grileiros, madeireiros, grandes fazendeiros, sem-terras e outros) entrarem em vastas áreas vulneráveis de floresta amazônica. Além disso, quando uma grande rodovia é construída, logo em seguida começam a abrir ramais para retirar madeira ilegalmente e essas áreas depois serão ocupadas. Assim, aqueles que vivem dos produtos da floresta (extração da castanha, por exemplo) poderão ser impactados por conta disto. Não há nenhum direito para todos terem uma estrada construída até a sua porta, e nas vastas áreas na Amazônia mais distantes de rodovias existentes, essa ideia nem passa pela cabeça. Decisões sobre novas estradas precisam levar em conta o custo não só financeiro, mas, sobretudo, ambiental. A AM-366 certamente seria uma das obras com maiores custos ambientais em todo Brasil, e ela não deve ser construída.

[Responder](#)



2. [Nicodemos Balby](#) disse:

[11/12/2020 às 22:16](#)

Boa noite estou lendo este artigo no dia de hoje 12 de Dez de 2020 e encaro com muito estranhamento esses tipos de observações feitas pelos criadores do artigo em questão, pois já observo que são doutores que manejam altas verbas para a preservação da natureza. Pois bem moto em Tapauá e conheço a realidade de nosso povo como nenhum desses doutores conhece, estamos a 3 dias da capital Manaus (vai barco), pagamos um preço altíssimo por alimentos industrializados, derivados de petróleo, e passagens via área, e vcs vêm a vontade de mais de 30 anos de um povo querer do isolamento em que vivemos como crime, a AM 366 é uma solução para esse povo, vcs só dão o ponto e o contra ponto? e quem depende que esse projeto saia, do papel, a a não esqueci, vc podem ir a qualquer lugar do Brasil, vcs tem estradas onde moram né.